
O DEBATE SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA DIFERENÇA E O SIGNIFICADO DA GUERRA NA BÓSNIA-HERZEGÓVINA*

*Andréa Carolina Schwartz Peres***

Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – Brasil

Resumo: *Este artigo apresenta o desencontro de vozes que percebi durante a pesquisa de campo na Bósnia em relação à representação da diferença e o significado da guerra. Em Sarajevo, nota-se um inconformismo em relação à situação da Bósnia hoje. Sarajevo sempre foi visto como símbolo da tolerância. O acordo de paz colocou fim ao conflito, dividindo o território em duas entidades – Federação e Republika Srpska –, mas teria, deste modo, institucionalizado as diferenças nacionais e se constituído como um prêmio aos “agressores” e a sua política de limpeza étnica e genocídio. Na Republika Srpska, esse mesmo acordo colocou fim ao conflito, instituindo uma entidade autônoma sérvia na Bósnia. Diferente de “prêmio aos agressores”, ele teria sido consequência de uma guerra civil, que de outro modo não poderia ter chegado ao fim. A partir de interpretações distintas a respeito do significado da guerra, histórias e verdades vêm sendo criadas.*

Palavras-chave: *Acordo de Dayton, Estado-nação, guerra na Bósnia, identidade.*

Abstract: *This article presents the disagreements I’ve noticed during the field research conducted in Bosnia regarding the representation of the difference and the meaning of the war. In Sarajevo, it’s possible to notice a nonconformist view about the current situation in Bosnia. Sarajevo has always been perceived as a symbol of tolerance. The Agreement for peace stopped the war by dividing the territory into two entities – the Federation and the Republika Srpska. It’s considered that this agreement have institutionalized national differences, serving as an award to the “aggressors” and to their ethnic cleansing and genocidal policy. At Republika Srpska, this same agreement established an autonomous Serbian entity within the Bosnia. Unlike of an*

* Uma primeira versão de parte deste artigo foi apresentada no 34º Encontro Anual da Anpocs, em 2010 (ST25 – Pesquisas em contextos de conflito e de precária institucionalização).

**Em pós-doutorado.

“award to the aggressors”, here it’s been considered as a consequence of a civil war which couldn’t end in another way. Following the different interpretations concerning the meaning of the war, different histories and truths have been created.

Keywords: *identity, Nation-State, the Dayton Peace Agreement, war in Bosnia and Herzegovina.*

Introdução: o acordo

A Bósnia-Herzegóvina¹ nunca foi um Estado-nação no sentido de um Estado onde um só grupo predominava e encontrava nele seu lar nacional. Caracterizada desde a proclamação da Iugoslávia Democrática e Federativa (ou ex-Iugoslávia, daqui em diante)² como república formada majoritariamente por três nações, ou grupos nacionais – os muçulmanos (desde 1993, chamados de bosníacos), os croatas e os sérvios³ –, a Bósnia era o lar nacional desses e outros grupos nacionais, ora mais definidos, ora menos, ora mais misturados, ora menos, que viviam espalhados pelo território, alguns mais homogêneos, outros mais heterogêneos.

A guerra na Bósnia, datada de 1992 a 1995, é um marco fundamental nos processos identitários que se desenrolaram nesse território, dado que foi uma guerra na qual as categorias nacionais – muçulmanos, sérvios e croatas – definiram os lados do conflito e tendo em vista que foi uma guerra caracterizada pela violência hedionda e pela limpeza étnica, via expulsão, agressão,

¹ Escreverei, por vezes, somente Bósnia.

² O nome Iugoslávia Democrática e Federativa (*Demokratska i federativna Jugoslavija*) é de 1943. Ele foi mudado em 1945 para República Federativa Popular da Iugoslávia (*Federativna narodna republika Jugoslavija*) e, em 1963, para República Federativa Socialista da Iugoslávia (*Socijalistička federativna republika Jugoslavija*).

³ A partir de 1993, o termo oficial para designar os muçulmanos da Bósnia passa a ser bosníaco (*Bošnjak*), embora muitos ainda se refiram a esses como “muçulmanos”. Cabe sublinhar que “muçulmano” entra aqui como “nação” ou “grupo nacional”, e não necessariamente como religião. Talvez fosse necessário fazer todo um histórico sobre a formação das identidades nacionais nesse país, o que não é possível aqui. De todo modo, em linhas gerais, a Bósnia, nos últimos séculos, contou com populações católicas, cristãs ortodoxas, judaicas, muçulmanas, roma (ou ciganas), entre outras. Durante a Iugoslávia socialista, a ideia de comunidade, então, nacional, permaneceu: os muçulmanos sendo identificados como muçulmanos (oficialmente a partir de 1968), os católicos como croatas, os cristãos ortodoxos como sérvios; demais grupos na Bósnia foram reconhecidos como minorias ou nacionalidades (e não como nações).

assassinatos, tortura, estupros e massacres, o que levou à reorganização populacional em regiões de população homogênea.

O Acordo de Dayton, que finalmente pôs fim ao confronto armado, e cujo Anexo 4 nada mais é do que a Constituição da Bósnia-Herzegovina, pode-se dizer que legitimou a divisão do território bósnio pela guerra, instituindo duas entidades com grande grau de autonomia cada uma, uma sérvia, a Republika Srpska (ou República Sérvia, 49% do território), outra muçulmano-croata, a Federação da Bósnia-Herzegovina, ou somente Federação,⁴ como as pessoas de modo geral a chamam (51% do território); além do Distrito de Brčko, território de ambas as entidades, que ainda espera uma resolução que defina a qual delas irá pertencer (Cf. Amendment..., 2009).

O acordo reconhece, assim, as nacionalidades sérvia, croata e bosniaca, e seus respectivos idiomas, o sérvio, o croata e o bósnio⁵. Demais grupos nacionais, minorias ou etnias, ou filhos de casamentos mistos que não se veem como membros de um grupo específico, ou outros, que assim não desejam se classificar, entram todos na categoria “outros”. Todavia, direitos sociais, culturais e políticos dependem do pertencimento da pessoa a uma das duas entidades e de sua adscrição aos grupos nacionais; assim, ser “outro”, ou mesmo, autodenominar-se “bósnio”, imputa sua quase invisibilidade na vida política, já que, embora sejam todos cidadãos da Bósnia-Herzegovina, o são enquanto membros de uma nacionalidade e enquanto habitantes de uma das duas entidades – o mesmo vale para os habitantes de Brčko, que devem escolher a entidade de sua cidadania.

Além da divisão territorial, o poder político foi também dividido no sentido de assegurar o equilíbrio entre as nacionalidades. Há poucos órgãos do governo comum, um deles é a presidência colegiada rotativa, formada por três integrantes, cada um representante de sua nacionalidade. E tanto as entidades, como os representantes de cada uma das nacionalidades, possuem poder de

⁴ Formada por dez cantões autogovernados, alguns com maioria bosniaca, outros com maioria croata. A Republika Srpska possui maioria sérvia.

⁵ A língua servo-croata era a língua oficial da ex-Iugoslávia, falada principalmente na Croácia, na Bósnia, na Sérvia e em Montenegro. Após a guerra e a independência desses territórios, cada um deles renomeou sua língua oficial. Passamos a ter então as línguas croata, sérvia, bósnia e montenegrina, sendo que, na Bósnia, fala-se bósnio, croata ou sérvio conforme a nacionalidade da pessoa em questão. As diferenças entre elas são regionais e dialetais (algumas palavras e sotaques distintos, que variam conforme o lugar, e não, necessariamente, conforme a língua), além do alfabeto (as línguas bósnia e croata usam o alfabeto latino, as línguas sérvia e montenegrina, o alfabeto cirílico).

veto no que tange às resoluções do governo central, mecanismo que se verifica também no nível das entidades. Segundo Džihana e Jusić (2008, p. 85), “the range of power-sharing mechanisms is so far-reaching and extensive that they tend to paralyse the political system, making it extremely difficult to propose and undertake policy reforms in any area”.

De todo modo, o alto representante das Nações Unidas (OHR, ou *Office of the High Representative*), cargo existente desde 1995, supervisiona o cumprimento do Acordo de Dayton, controla para que haja algum consenso entre as partes e possui altos poderes, os *Bonn Powers* (desde 1997), como o de impor leis, vetar decisões do governo central ou das entidades e depor um governante/representante democraticamente eleito. Políticas integrativas, desse modo, foram realizadas, como a da união da moeda e do modelo das placas de carro e a unificação do exército; e, de fato, essas reformas são apontadas como positivas, pois contribuíram para aumentar a circulação das pessoas entre as entidades, tanto da Federação para a Republika Srpska (RS, daqui em diante), como da RS para a Federação.⁶

Para Hayden (2000), entretanto, o Acordo de Dayton construiu uma “ficção legal”, que serviu para preservar a “ficção” do Estado, sem alteração de suas fronteiras, ao mesmo tempo em que o fato de ser um Estado fictício fez com que aqueles que o rejeitaram concordassem com a sua existência. Um Estado, portanto, onde o consenso é impossível, e daí o papel do alto representante da ONU, que possui poderes legislativos e executivos, para não dizer ditatoriais, com o objetivo de garantir a funcionalidade do mesmo.⁷

Há, assim, uma divisão imposta no âmbito da política, e uma união imposta também, já que, se não sob a forma de cooperação, sob a forma de obrigação diante do Acordo de Dayton – imposta pelo alto representante e, cada dia mais, aconselhada para que a Bósnia possa se candidatar a uma vaga na União Europeia (UE).⁸

⁶ Cf. Armakolas (2007); Bougarel; Helms; Duijzings (2007, p. 8-9); entre outros.

⁷ Nas palavras de Bougarel, Helms e Duijzings (2007, p. 9): “The ‘Bonn Powers’ [...] enabled the High Representative to remove some major obstacles to the implementation of Dayton, but in the long run this threatened to distort Bosnian political life and deprive local institutions of any real power and legitimacy.”

⁸ A candidatura a uma vaga na UE é um desejo comum. Um dos itens necessários à candidatura é o fechamento do OHR, inviabilizado devido ao embate político entre os líderes nacionais e de ambas as entidades.

Porém, para além da funcionalidade ou não do Estado, ou de como os líderes políticos vão lidar com as políticas impostas, como as pessoas percebem esse momento foi a minha pergunta, e logo se tornou evidente que diferentes histórias vêm sendo contadas e que, podemos dizer, há um grande *slide* (para usar a expressão de Veena Das⁹) a respeito do que foi a guerra, que aponta para diferentes concepções a respeito da representação da diferença ao longo do tempo na Bósnia.

Verdades

No dia 26 de maio de 2011, Ratko Mladić, comandante das forças sérvias bósnias durante a guerra, foi finalmente preso, após 16 anos foragido. Ele vem sendo julgado pelo Tribunal Penal Internacional para a ex-Iugoslávia (TPI), sediado em Haia, na Holanda, por diversos crimes cometidos durante a guerra: crimes de guerra, crimes contra a humanidade e genocídio.

Manifestações populares contrárias à sua prisão e extradição seguiram-se em Belgrado, capital da Sérvia, e em algumas cidades da RS. Manifestações semelhantes ocorreram por ocasião da prisão e extradição a Haia de Radovan Karadžić,¹⁰ capturado em 2008.

No jornal *Folha de S. Paulo* do dia 27 de maio de 2011, o destaque para algumas declarações sobre o acontecimento do dia anterior, entre elas, a declaração de Radovan Karadžić: “Lamento a perda de liberdade do general Mladic e espero atuar a seu lado para trazer à tona a *verdade* sobre o que ocorreu na Bósnia” (Reação..., 2011, grifo meu).

A noção de verdade aqui, que pode parecer à primeira vista um modo de se expressar ou de se defender, revela a forte disputa acerca do que lá

⁹ Das (1999) aponta que os relatos sobre a violência ocorrida e testemunhada durante a Partição da Índia aparecem ou como *slides* congelados ou não aparecem; há referências de como era a vida antes, mas não ao que fez com que esta fosse transformada. Do mesmo modo, parecia-me que, muitas vezes, durante as conversas sobre a guerra, eram a esses *slides* que eu tinha acesso; não ouvi muito sobre violência, ódio ou terror, mas sim, como veremos, sobre o que foi a guerra em seu sentido grande, discursivo, genérico, e não em seu detalhe, ou em seu sentido profundo – se é que podemos fazer essa distinção.

¹⁰ Karadžić foi líder dos sérvios bósnios e do SDS (Partido Democrático Sérvio) e presidente da Republika Srpska, autoproclamada no começo de 1992 e reconhecida no acordo de paz enquanto entidade bósnia. Em 2008, Karadžić foi finalmente preso por genocídio e crimes de guerra e levado para julgamento em Haia.

aconteceu e tem ressonância no modo distinto de se olhar para a história dos habitantes desse território.

As verdades, ou versões, ou lados da guerra aparecem, assim, como um todo coerente, onde a ideia de “guerra civil” (em contraste com) e a de “agressão”, como definidoras do conflito, definem as verdades contadas, as políticas de identidade, as posições em relação à guerra e os modos de compreender o que deve ser um Estado legítimo e justo. Na Federação, o termo “agressão” é o preferido, na RS, o termo “guerra civil”. A “agressão” vinculava-se ao suposto objetivo de se criar a “Grande Sérvia” (ou a “Grande Croácia”), a partir do estabelecimento de territórios homogêneos na Bósnia. O termo “guerra civil” corrobora a tese do conflito inter-nacional (e não internacional), onde uns queriam a secessão, outros a manutenção da Bósnia na ex-Iugoslávia.¹¹ Assim, para as pessoas em Sarajevo, a Sérvia que começou a agressão, ou Sérvia e Croácia fizeram um plano para dividir a Bósnia; sendo que, para as pessoas na RS, a guerra foi marcadamente civil, onde uns queriam a manutenção da Bósnia na Iugoslávia enquanto outros queriam sua secessão.¹²

Descrevo a seguir, sucintamente, a atmosfera que paira em ambos esses lugares, com foco em Sarajevo.

Em Sarajevo

Sarajevo é uma cidade cujo espaço nos informa, a princípio, dois elementos. Um primeiro diz respeito ao belo e como este se origina do que é plural: momentos históricos distintos marcados na arquitetura urbana, diversos templos religiosos lado a lado e narrativas que os complementam sublinhando que antes da guerra nunca foi importante quem é quem (lê-se: nunca foi importante qual o pertencimento nacional de cada um). O segundo elemento diz

¹¹ Detalhe: a ex-Iugoslávia já era então somente Sérvia e Montenegro. Eslovênia e Croácia tinham declarado a independência e a Macedônia já havia realizado um referendo pela independência e pedido o reconhecimento do mesmo.

¹² Nas palavras de Veljko, “os sérvios queriam manter a Iugoslávia, os outros queriam ter seu país, a guerra foi então inevitável”. Essa frase e outras que se seguem no decorrer do artigo foram ouvidas durante a pesquisa de campo realizada na Bósnia entre os anos de 2007 e 2008 (quando realizei estágio-sanduíche de 14 meses na International University of Sarajevo, com recursos da Capes, sendo o doutorado na Unicamp financiado pela Fapesp). Neste artigo, cito as conversas com Veljko, Hakija, Hana, Bojan, Zoran, Dubravko, Hare, Marko, Željko, Đorđe, Vlado, Senad, Jelena, Milorad, Seka e Jean (alguns destes nomes são pseudônimos).

respeito à guerra. Suas marcas fazem-se visíveis em monumentos, nos cemitérios onde estão enterrados os mártires muçulmanos (soldados bosníacos que morreram no conflito), em plaquinhas ao lado de escolas e de outros edifícios públicos, que trazem os nomes daqueles que perderam a vida durante a guerra.

O cerco traduz-se em relatos informados pela destruição, injustiça e mortes, e pela ideia de resistência. Os sarajevanos não apenas sobreviveram ao cerco, mas lutaram para que este não pautasse suas vidas. Resistiram, assim, como dizem, através da empreitada cotidiana de manterem-se limpos, bonitos e psicologicamente saudáveis, indo ao trabalho, produzindo notícia, fazendo arte, criando música; e resistiram, especialmente, através da vontade política de manterem-se à parte do nacionalismo.¹³

Thomaz (1997, p. 5) já atentara, como outros autores, que a resistência em Sarajevo se traduzia, para além da defesa da cidade, na defesa da ideia de cidade:

Aquela que havia se constituído, modernamente, como a capital de todos os povos da Bósnia-Herzegovina, fossem estes muçulmanos, croatas (católicos), sérvios (ortodoxos) ou judeus. Aquela que traduzia o espaço da cidade no espaço da troca entre os diferentes, no espaço do conflito que se traduz em política, no espaço da cidadania, da civilidade, da urbanidade. [...] Pale¹⁴ tornou-se, assim, símbolo triste do seu reverso: a idéia de cidade se desfaz aqui naquele espaço homogêneo que nega a troca e as reciprocidades entre os grupos.

A todo o momento, a ideia de agressão está colocada. O cerco a Sarajevo foi uma agressão à cidade e à ideia de cidade, como o lugar da heterogeneidade, da convivência e do cosmopolitismo. E foi uma agressão ao sarajevano, que passou a ter que se identificar nacionalmente e para quem essa identificação passaria a determinar sua atuação e lugar na sociedade.

Os relatos sobre a guerra revelam-se como um mal-estar, diante de uma sociedade e de uma cidade cada vez mais divididas – onde, por exemplo, o cemitério de mártires é para soldados muçulmanos mortos (ou bosníacos), e não para tantos outros não muçulmanos que morreram, igualmente, defendendo

¹³ Discorro sobre isso em minha tese de doutorado, *Contando histórias: fixers em Sarajevo* (Peres, 2010).

¹⁴ Pale antes da guerra era uma pequena cidade nas cercanias de Sarajevo. Foi tomada logo no começo do conflito para ser a capital da RS (que hoje é em Banja Luka) e, portanto, sede do governo sérvio bósnio e do alto comando das forças armadas.

Sarajevo. Onde a cidade, antes vista como heterogênea – e era de fato – hoje é percebida como sendo 90% muçulmana (ou bósnia).¹⁵ Novos habitantes, expulsos de suas vilas, traumatizados pela guerra, “com um ódio terrível a tudo que é sérvio”, como dizem, hoje somam 50% da população da cidade e estão em toda parte. Ouvi diversas vezes: “os melhores” foram embora, e continuam indo; os nacionalistas continuam no poder; justamente por isso, Sarajevo é hoje uma cidade muçulmana e homogênea.

Donia (2006) aponta que antes dos anos 1990, os sarajevanos não descreviam sua cidade como “multicultural”, como o fazem hoje, mas em termos de “vida comum” (*zajednički život*), onde a noção de vizinhança (*komšiluk*) e termos derivados eram sublinhados, enfatizando-se as ideias de tolerância e diversidade. Diferenças não nacionais eram as que tinham muitas vezes lugar, como as referentes à escolaridade e *status*, à origem urbana e rural, entre outras.

Assim, a ideia de que a guerra chegaria a Sarajevo, “onde todo mundo vivia junto” (Hakija) e onde “éramos tão misturados” (Hana), era simplesmente inconcebível.

O unísono “aqui não poderia acontecer”, “aqui era diferente”, “todos juntos”, “misturados”, acompanhou-me todo o tempo em que estive em campo.

Sarajevo era como um oásis, relembra Hare, com as pessoas nas ruas e os cafés lotados: “Ninguém tinha ideia do que acontecia fora [...]. Quando se perguntavam se haveria guerra, poderia acontecer em qualquer lugar, mas não em Sarajevo.”

Marko lembra-se do dia 5 de abril de 1992.¹⁶ Nesse dia, uma enorme manifestação pela paz foi atacada por franco-atiradores em posição dentro do hotel Holiday Inn, e o próprio presidente da Bósnia, Alija Izetbegović (“o idiota do Alija”, segundo ele), apareceu à noite na tevê dizendo para todos dormirem em paz, pois não haveria guerra, “[...] e eu também fui idiota, pensei que não haveria guerra. Mas no dia seguinte de manhã, começou o bombardeio a Sarajevo, com tanques, morteiros, lançadores de foguetes.”

¹⁵ Segundo o censo populacional de 1991, o município de Sarajevo tinha aproximadamente 49,2% de muçulmanos, 29,8% de sérvios, 6,6% de croatas, 10,7% de iugoslavos e 3,6% de outros (cf. Nacionalni..., 1993). Um novo censo está previsto para 2013.

¹⁶ Data-se, em Sarajevo, o início do cerco no dia 6 de abril de 1992.

Segundo Cerkez-Robinson (2006):

The shooting started in Bosnia first in cities close to the Serbian border, and although it was in our country we, in Sarajevo, still thought it was far away from us. Then it came closer and closer and artillery started pounding the Sarajevo old town. That's not where I live, so in my neighborhood we spoke about how "this is not close to us", without noticing how our safe world was shrinking. [...] Some Sarajevans made it out and became refugees all over the world. I didn't because I could not believe this could be happening to a city in Europe at the end of the 20th century and thought it would be over in a few days.

Esse era o espírito daqueles que não acreditavam que a guerra seria possível. Na mesma Sarajevo, entretanto, sérvios deixavam a cidade, pois, como dizem em Sarajevo, "foram mobilizados e não contaram para ninguém que haveria guerra".

A maioria saiu, segundo Željko: "Falaram somente com as pessoas que tinham confiança e que sabiam que não diriam nada a ninguém." O marido de sua irmã é sérvio, também eles receberam a informação, deixaram a cidade e não contaram para a família:

Ele fechou seu apartamento e disse que iria sair de férias... isso era começo de abril, não era verão, não era época de férias.¹⁷ Eu tenho dois irmãos. Eu fiquei em Sarajevo, minha irmã em Pale com o marido, e meus dois irmãos em Vareš.¹⁸ um na HVO [forças croatas], outro na ABiH [Exército da Bósnia-Herzegóvina], e meu cunhado nas forças sérvias.

Ouvi muitas histórias como a da minha vizinha Seka, que conta que pouco antes do cerco, uma vizinha sérvia entregou-lhe as chaves do próprio apartamento e disse-lhe que estava indo para Belgrado passar as férias – "e nem época de férias era!" – mas que ela podia ficar à vontade e pegar o que quisesse da casa. Vlado explica:

¹⁷ Em Sarajevo, as férias são sempre no verão, há exceções, claro, mas quando sérvios começaram a sair em massa de férias em março ou abril as pessoas desconfiaram.

¹⁸ Vareš localiza-se na Bósnia central, onde o conflito se deu, principalmente, entre forças bósnias (ABiH) e forças croatas (HVO), em 1993.

Havia muitos amigos próximos: sérvio e croata, sérvio e muçulmano. Mas esses que sabiam não falaram para os outros. A gente senta aqui hoje à noite, eu sérvio, você bosníaca [*Bošnjakinja*], eu tenho filhos, você tem filhos, conversamos normalmente, tomamos café, chego em casa, faço a mala, pego as crianças, não te digo uma palavra e vou embora. Amanhã você bate na minha porta e eu não estou mais, peguei as crianças, dinheiro e fui embora, e você, minha amiga há 20 anos, nossas crianças brincam juntas, não te digo nada, nem para cuidar de suas crianças, pois haverá guerra. E teve casos também desses que saíram, levaram seus filhos para Belgrado, voltaram, subiram no morro e começaram a atirar em você, com quem ontem bebeu café.

Marko, mesmo sendo sérvio, permaneceu em Sarajevo, e não o avisaram que começariam a bombardear a cidade. Havia sérvios e sérvios, segundo ele, e ele não era como outros, e sabiam quem eram os seus sérvios e os outros sérvios.

Posto isso, pelos relatos, pode-se talvez concluir, do mesmo modo que os sarajevanos concluíram, que os sérvios que saíram de Sarajevo o fizeram pois sabiam que a cidade seria atacada. No entanto, para Armakolas (2007, p. 88), que realizou pesquisa de campo na RS, “a combination of fear, conviction, imitation and compliance with authorities made [the Serbs’] decision to move to Serb-dominated areas only natural”.

Os sérvios com quem conversei em RS, entretanto, sublinharam que não era mais seguro permanecer em Sarajevo. Para Bojan, Veljko e Zoran, três jornalistas sérvios de Sarajevo que eu conheci e que foram para Pale no começo da guerra, tornou-se perigoso continuar na cidade, colocaram, então, o que puderam no carro e foram embora. Um amigo sérvio de Jean resolveu sair de Sarajevo devido aos casos de violência contra sérvios na cidade. De Mojmiilo, ele foi para Stup e de lá para Ilidža,¹⁹ sob domínio sérvio. Em Ilidža, tentaram fazê-lo atirar em Sarajevo, ele não quis. Parece que matou seu comandante e fugiu. Hoje mora em Niš, na Sérvia.

Não obstante, muitos sérvios permaneceram em Sarajevo, onde viviam e morriam do mesmo modo que os demais. Muitos foram para a Sérvia ou para outros países – e não necessariamente para as montanhas atirar nos seus vizinhos e na sua cidade. Jovan Divjak, que foi o segundo comandante do

¹⁹ Bairros de Sarajevo.

Exército da Bósnia-Herzegóvina (ABiH) durante a guerra, é herói nacional, assim como muitos outros sérvios que ficaram e que são lembrados por isso, em Sarajevo.

A guerra, o cerco, os sérvios deixarem a cidade, tudo aparece como uma surpresa, uma traição. Pois foram eles, “os sérvios”,²⁰ categoria, segundo os relatos, até um dia antes irrelevante, que cercaram Sarajevo com seu exército e armas.

A Sarajevo sob cerco é lembrada, assim, pelos bombardeios e franco-atiradores sérvios, mas também pelo espírito de não aceitação do conflito e de não aceitação da divisão da sociedade e do país. A riqueza da cidade, segundo os relatos, era a convivência, os que não a admitiram foram embora, os que ficaram, defenderam-na. Posto isso, e diante de uma guerra marcada por lados claramente definidos – sérvio, croata e muçulmano –, em Sarajevo todos enfatizaram que essas categorias nunca importaram, e por isso também a “agressão” à cidade e aos sarajevanos, quem quer que sejam eles. A guerra, portanto, teria de fato dividido a Bósnia – e Sarajevo – em linhas étnicas e a população do território foi “reorganizada” de acordo com elas.

Na Republika Srpska

Apesar de não ter vivido na Republika Srpska, tanto as conversas que tive em Banja Luka, Bijeljina, Pale e Lukavica,²¹ quanto o que ouvi e li nos veículos de imprensa dessa entidade, apontam, de modo geral, para um discurso comum a respeito da guerra e do Estado bósnio que contradiz de modo quase especular o que se ouve em Sarajevo.²²

Afirmei anteriormente como as noções de guerra civil e agressão apontam para modos distintos de se entender o conflito. A partir da noção de guerra

²⁰ Muitas vezes assim chamados, mas também de “chetniks”, “criminosos sérvios”, “membros do exército de Karadžić” ou do “exército sérvio” ou do “exército dos sérvios bósnios” etc.

²¹ Pale e Lukavica, hoje municipalidades de Istočno Sarajevo (ou Sarajevo Oriental), eram antes da guerra partes do município de Sarajevo. Ambas pertencem à RS, assim como Bijeljina e Banja Luka, que é a capital dessa entidade.

²² Nessa etapa da pesquisa, mesmo na RS eu me apresentava como antropóloga que realizava pesquisa em Sarajevo, o que, acredito, tinha implicações no que me diziam, parecendo-me, algumas vezes, que o que falavam eram “respostas” às mesmas perguntas que eu supostamente teria colocado em Sarajevo antes de eu aqui fazê-las, cientes do que lá me diziam.

civil, assume-se que atrocidades foram cometidas por todos os lados, pois, afinal, era guerra, e uma guerra civil entre bósníacos, croatas e sérvios.²³ Diversos eventos tidos como certos em Sarajevo são, assim, colocados em questão na RS, e outros, ignorados em Sarajevo, aqui ganham preeminência.

Em primeiro lugar, a ideia de que em Sarajevo viviam todos misturados e onde “quem é quem” nunca foi uma questão seria falsa. Para sarajevanos que deixaram a cidade, como para outros sérvios da hoje RS, nunca houve “vida comum” em Sarajevo, pois os diversos grupos nacionais viviam em bairros distintos da cidade. Desse modo, o discurso multiculturalista (no seu sentido êmico de “vida comum”) camuflaria o fato de que as diferenças sempre existiram, de que sérvios e bósníacos nunca viveram realmente juntos e de que poucos eram os casamentos mistos; e mais, camuflaria também o fato de que os bósníacos (ou muçulmanos, que é como muitos ainda os chamam na RS) apropriam-se, como se apropriaram durante a guerra, dessa fala com o intuito de travestir o discurso da maioria em um discurso do bem comum.

Para alguns, nem o cerco a Sarajevo existiu, nem o genocídio de Srebrenica aconteceu, como foram os muçulmanos que iniciaram o conflito ao votarem pela secessão num referendo que praticamente todos os sérvios ignoraram²⁴ (sendo que o primeiro tiro, em Sarajevo, também teria sido dado pelos muçulmanos, no casamento sérvio na antiga igreja ortodoxa na Baščaršija, centro velho da cidade, no segundo dia do referendo pela independência da Bósnia²⁵).

Zoran nasceu em Sarajevo em 1965. Seus pais construíram a casa no bairro de Vraca, onde moraram até 1992. Em Sarajevo, terminou a escola básica, o ensino médio, fez faculdade. Contudo, acredita que Sarajevo nunca

²³ Cabe sublinhar que estamos pensando aqui nesses grupos da Bósnia, apesar de ser impossível isolá-los totalmente dos seus pares nos Estados da Croácia e Sérvia, que, evidentemente, tinham interesse na guerra e soldados ou milicianos lutando nela em algum momento. O termo guerra civil, nesse sentido, dá ênfase à noção de que foi uma guerra local e não internacional ou com os Estados vizinhos. Já o termo agressão assume o caráter/interesse dos Estados vizinhos na mesma.

²⁴ O reconhecimento internacional da Bósnia foi condicionado a plebiscito, que ocorreu nos dias 29 de fevereiro e 1 de março de 1992. Muitos sérvios boicotaram o referendo, e das 64% de pessoas que votaram, 99% votaram a favor da independência. Esta é proclamada no dia 3 de março de 1992 e reconhecida internacionalmente um mês depois.

²⁵ Evento esse, segundo Armakolas (2007, p. 87), utilizado pelo SDS (Partido Democrático Sérvio) como pretexto para estes erguerem barricadas ao redor da cidade e para ilustrar a ameaça que a independência bósnia representava aos sérvios.

foi misturada de fato, pois cada bairro tinha a sua característica. Segundo ele, os sérvios viviam ao redor de Sarajevo, em bairros como Vraca (onde 95% eram sérvios, segundo ele), Trebević, Ilidža e Pofalići; os croatas viviam em Stup; em Mojnilo e Dobrinja, havia muitos sérvios e croatas também; e na Baščaršija, Vratnik e Sedrenik, a maioria era bosníaca.

E quando chegou o conflito, e todo o tempo da guerra, todas as mídias falavam de um certo cerco a Sarajevo. Mas em Sarajevo as pessoas viviam como essa xícara [apontou a xícara de café e o pires]. O cerco, como chamam o que aconteceu em Sarajevo, não foi cerco. (Zoran).

O cerco, para ele, era na realidade algo “natural”, já que os sérvios viviam ao redor da cidade. Em suas palavras:

Aqui eram bairros onde a maioria era bosníaca [apontou a xícara], ao redor, os bairros de maioria sérvia [apontou o pires]. [...] Estávamos em casa. Embaixo eram bairros onde estavam os bosníacos. Nos primeiros dias, eu sei, atiravam de cima para baixo e de baixo para cima. E o que você faz quando debaixo alguém atira em você e você está na sua casa? Claro que você revida. Ninguém veio de outra parte e fez campo de batalha. Desde o começo a situação era assim. Esse era o lugar onde os sérvios moravam!²⁶

Além de Sarajevo, “onde não houvera cerco”, além das vilas incendiadas por muçulmanos, como Čemerno, citada por Veljko (de que eu até então nunca ouvira falar),²⁷ ou tomadas por muçulmanos armados, como Bijeljina, antes dos sérvios finalmente dominarem a cidade,²⁸ o massacre em Srebrenica não teria acontecido, ou, pelo menos, genocídio não é a palavra certa para descrever o que ocorreu naquela cidade, já que, segundo Đorđe, soldados, e não

²⁶ Apesar do radicalismo dessa visão, perante o fato de que Sarajevo ficara quase quatro anos sob a mira de foguetes e armas de longo alcance, esse relato aconteceu em uma sala onde umas dez pessoas ouviam-lhe atentamente e concordavam com a cabeça.

²⁷ Não consegui encontrar muita informação sobre Čemerno (vila em Ilijaš, subúrbio de Sarajevo), que não a de páginas da internet da RS ou da Sérvia, que confirmam o relato de Veljko, de que muitos foram mortos, casas incendiadas e o restante da população expulsa. Segundo esses relatos, ninguém mais mora nessa vila (cf. Čemerno..., 2010; Tomić, 2010).

²⁸ Segundo relatos em Sarajevo, Bijeljina foi tomada pelos sérvios em praticamente um dia: “Chegaram às casas muçulmanas e deram 15 minutos para as pessoas saírem, e havia alguns ônibus esperando para tirarem-nas da cidade.” (Marko).

civis, é que foram mortos.²⁹ “Oito mil soldados, de 16 a 70 anos?”, perguntei a Đorđe; sim, segundo ele, “os sérvios tomaram a cidade no dia 6 de julho de 1995, mas os muçulmanos continuaram guerreando, não queriam perder. Aí no dia 10 de julho, 12 mil homens armados se dirigiam a Tuzla quando perderam a batalha”,³⁰ e conclui, “quando é guerra, coisas acontecem, atrocidades acontecem. Como aconteceram também contra os sérvios.”

Aqui, também os massacres ocorridos no Markale (uma feira de frutas e verduras no centro de Sarajevo) não teriam acontecido, mas, sim, o massacre na rua Dobrovoljačka.

Senad, então âncora da televisão estatal bósnia, em Sarajevo, falando sobre o massacre no Markale, em fevereiro de 1994, e de como foi a propaganda de guerra via mídia, disse que o âncora e editor do noticiário da televisão Republika Srpska, Risto Đogo, começou o programa deitado, fingindo-se de morto, com uns tomates e verduras em volta. Em seguida, “ressuscitava” e dizia que o massacre não acontecera, que eram bonecos que foram filmados para chamar a atenção da comunidade internacional.³¹ Conversando com Jelena, em Sarajevo, ela me contou que estava do lado do mercado quando caiu a bomba e que ela mesma poderia ter sido morta; mas que meses depois, numa das tréguas que fizeram em Grbavica (bairro de Sarajevo sob poder sérvio durante a guerra),³² sua mãe veio vê-la (seus pais, sérvios, foram para Banja Luka no começo da guerra) e que, conversando, elas chegaram a brigar, pois sua mãe não podia acreditar que tinha acontecido o massacre no Markale, mesmo ela, filha única, dizendo que estava lá no dia em que caiu a bomba e

²⁹ No começo de julho de 1995, calcula-se que cerca de 8 mil homens (entre 12 e 75 anos, aproximadamente), muçulmanos, tenham sido assassinados em Srebrenica. A operação em si, de execução desses homens, ocorreu rapidamente, consumando-se em questão de dias. A data oficial para a rememoração do massacre é dia 11 de julho, quando, desde 2003, ocorrem os enterros coletivos dos corpos (partes deles) recém-identificados. Esses enterros realizam-se em Potočari, vila ao lado da cidade, onde se localizava durante a guerra o batalhão da ONU de soldados holandeses, e onde hoje está construído o memorial e cemitério das vítimas de Srebrenica. No dia seguinte, contudo, em Zalazje e Kravica, vilas também nas proximidades de Srebrenica, a RS rememora as vítimas dos ataques muçulmanos que em 1992 mataram dezenas de sérvios. Sobre estas e outras práticas de rememoração na Bósnia, ver Duijzings (2007).

³⁰ Segundo Bougarel (2007, p. 179), a maioria dos homens mortos em Srebrenica era sim de soldados do exército bósnio. Explica, contudo, que estavam desarmados e já haviam se rendido quando foram massacrados.

³¹ Inúmeras vezes, também na imprensa internacional, eram divulgadas histórias sobre os muçulmanos atirarem neles mesmos com o objetivo de provocarem comoção e intervenção internacional (cf. Peres, 2005, p. 114; Serva, 1992).

³² Grbavica abria por umas 24 horas e as pessoas vinham ver os parentes em Sarajevo.

que viu com os próprios olhos. A propaganda, principalmente via televisão, segundo Jelena, foi tão forte que as pessoas não acreditam mesmo, nem em Markale, nem em cerco, nem em Srebrenica.

Já o massacre na rua Dobrovoljačka é considerado, na RS, o “evento fatídico” que detonou a guerra na Bósnia, para usar a expressão de Milorad, de Banja Luka. O ataque ao comboio militar do JNA (Exército Nacional Iugoslavo) na rua Dobrovoljačka, em Sarajevo, no dia 3 de maio de 1992 é um episódio menos contado em Sarajevo, mas muito importante para os sérvios na RS, considerado crime de guerra pela Sérvia e pela RS, que entraram com um processo contra 19 pessoas, entre elas, Ejup Ganić e Stjepan Kljujić, que eram da presidência bósnia, e o então segundo comandante do ABiH, Jovan Divjak. Em linhas gerais, havia sido negociada a libertação do presidente Alija Izetbegović, raptado pelo exército sérvio no aeroporto, quando retornava de Portugal. A libertação foi concordada em troca da libertação do último quartel do JNA de Sarajevo, em Bistrik, no outro extremo da cidade, e do general Milutin Kukanjac (comandante do JNA em Sarajevo). Quando os soldados do JNA saíam em comboio do quartel, foram atacados nessa rua. Muitos foram feridos, alguns mortos, quase todos raptados para serem usados como moeda de troca depois, e armas e munições foram tomadas pelos soldados bósnios.

Ouvi falar dessa rua, pela primeira vez, quando fui para o “lado sérvio”, e depois somente em 2009 e 2010, com o processo contra os supostos mandantes do ataque ao comboio. Em Sarajevo, ouvi somente que os bombardeios à cidade, nesse dia, foram terríveis – e mencionar esse massacre soava, em grande medida, ofensivo.

Na RS, mesmo a Bósnia é negada enquanto país. Emblemática a esse respeito é a previsão do tempo veiculada pelo telejornal da rede estatal de televisão da Republika Srpska (RSTS), onde o mapa em destaque é o da RS (as fronteiras com os países vizinhos e com a Federação são igualmente marcadas no mapa enquanto fronteiras internacionais) e a previsão do tempo refere-se à RS somente e às cidades dessa entidade, não mencionando nem a previsão do tempo para Sarajevo (capital do país), nem o país como um todo.³³

³³ Essa informação diz respeito ao período em que estive em campo entre 2007 e 2008 e confere com a situação atual de novembro de 2012.

Por fim, na RS, muçulmanos ou bosníacos nada mais são do que sérvios ou croatas convertidos ao islã, o que põe em questão a própria definição e legitimidade desse grupo enquanto grupo nacional.

Multiculturalismo?

Se na RS são todos sérvios, em Sarajevo já não é tão simples afirmar “quem é quem”. Por isso, nunca fiz a pergunta “o que você é” para as pessoas com quem conversava. Muitos me disseram “o que são” das mais variadas formas, muitos não disseram nada – ou porque era óbvio o que são, ou porque realmente não era importante, ou porque era considerada uma questão do âmbito do privado (como “sempre foi”, ou como era durante o regime socialista).

De qualquer modo, se fôssemos “nativos”, a cada momento em que lêssemos ou ouvíssemos um nome, “saberíamos” de quem estamos falando, e imediatamente o colocaríamos em determinada categoria nacional. Por sorte, ou azar, não aprendi todos os nomes, alguns ainda tenho dúvida, há ainda muitos nomes neutros, há nomes não condizentes com a categoria nacional, o que torna mais difícil a categorização da pessoa; “problema” que pode ser solucionado (ou não) com o sobrenome, muitos deles patronímicos (o sufixo *ić*, muito comum, é indicativo de “filho ou filha de”), mas que também, por vezes, atravessam as categorias nacionais.

A questão dos nomes, entretanto, para muitos com quem conversei em Sarajevo, beira hoje a paranoia. Senad, que foi âncora do noticiário da rede de televisão estatal bósnia (TVBiH), conta: “Você fala boa noite e lá embaixo está escrito seu nome, e a primeira coisa que as pessoas pensam é, ‘ah, esse é bósnico’. Isso é uma doença balcânica!”, exclama indignado, “antes era diferente, havia isso, mas não nessa dimensão.”

A política se dividiu, a história se dividiu, a mídia se dividiu, contando cada uma a sua verdade, informada pela política. A verdade da Bósnia passou a ser várias. Uma que via a necessidade de divisão do Estado, outra, que o Estado continuasse na Iugoslávia, outra, que clamava que na Bósnia sempre conviveram diferentes e que isso nunca foi um problema.

Partidos nacionalistas venceram as eleições em 1991. Um referendo estabeleceu a vontade da maioria de ter seu país independente. Uma minoria não participou, pois não o reconhecia como instrumento legal para escolha de um

futuro comum. A verdade aqui é que esse futuro comum não era visto como um mesmo futuro.

Sérvios, croatas e muçulmanos começaram a guerrear. Os primeiros em uma guerra civil pela manutenção da Bósnia na Iugoslávia. Os primeiros também em uma guerra étnica de estabelecimento de territórios homogêneos. Os segundos, com alinhamentos diversos, e que, no fim, buscavam também territórios homogêneos. Os terceiros, clamando por uma Bósnia una, multi-cultural, europeia; porém, vistos pelos demais como o bastião de um futuro Estado islâmico, comandado por um sujeito (Izetbegović) considerado desde sempre nacionalista, que fora membro dos Jovens Muçulmanos durante a Segunda Guerra Mundial³⁴ e que fora preso por nacionalismo na década de 1980. Tudman, então presidente da Croácia, igualmente, havia sido expulso do partido comunista por nacionalismo, escrevera um livro dizendo que no campo de concentração de Jasenovac não morreram tantos (Tudman, 1990), abraçou o retorno de antigos nazistas (ou ustasas³⁵) para o país e suprimiu os direitos da população sérvia da Croácia. Milošević, então presidente da Sérvia, suprimiu as autonomias das províncias da Sérvia, reprimiu albaneses no Kosovo, cooptou todos os órgãos públicos (inclusive o exército iugoslavo) e clamou por todos os sérvios em um mesmo território.

Na Bósnia, onde não se acreditava na possibilidade da guerra, foi onde ela se deu com mais força, constituindo-se enquanto lugar paradigmático da “práxis” da nação – em termos de tomada de consciência nacional e, especialmente, de oposição desta ao “outro”. Nesse sentido, é impossível não pensá-la como o evento crítico por excelência, ou seja, um evento que sinaliza ou revela mudanças, redefinindo categorias tradicionais e dando lugar a novas modalidades de ação histórica (cf. Das, 1995).

O Acordo de Dayton, todavia, pressupôs que as divisões nacionais fossem a única verdade nesse processo. Escreveu-se uma nova carta constitucional ela mesma fundamentalmente discriminatória, além de não funcional, e não se buscou abrir espaço para a atuação de outros atores sociais sobre os quais, sim, a guerra teve grande papel na constituição de suas identidades, dado que se posicionaram exatamente contra a divisão da Bósnia e a erosão

³⁴ Mladi muslimani era uma organização anticomunista e religiosa que atuara na Iugoslávia no final dos anos 1930 e na década de 1940.

³⁵ Nacionalistas croatas aliados ao fascismo na Segunda Guerra Mundial.

do passado comum das diversas comunidades e indivíduos nesse território; foram, entretanto, completamente ignorados. A sociedade foi assim dividida pela guerra e dividida pelo acordo de paz.

Versões dessa história são, todavia, distintas. E Sarajevo aparece como um “oásis” (usando a expressão de Hare) em meio a nacionalistas que guerrearão e que hoje transformam essa cidade em uma cidade cada vez mais homogênea e muçulmana. Ainda se valora o multiculturalismo, mas o multiculturalismo que um dia existiu e que não se sabe por quanto tempo ainda perdura.³⁶

De fato, a maioria das pessoas com quem conversei em Sarajevo tem na cidade o lugar onde o universal predomina e o lugar onde a vida privada não precisa ser pública para ser respeitada. Sarajevo, entretanto, não é e nunca foi somente essas pessoas.

Ir a Republika Srpska é ver tudo isso como uma grande mentira.

Os sérvios defenderam suas casas, e um lugar próprio, diante de uma Bósnia muçulmana. Abdicaram do cosmopolitismo da cidade, em prol da segurança de viverem com os seus em um território homogêneo. Não acreditam que cometeram atrocidades, pelo menos, não mais que as demais partes do conflito, afinal, na guerra, coisas ruins acontecem: soldados são mortos; crianças são mortas; pessoas deixam suas casas, pois sentem medo, não se sentem seguras – por isso, muitos deixaram suas casas em todo território bósnio, inclusive muitos com quem conversei na RS e em Belgrado, que deixaram suas casas em Sarajevo.

Diz-se, atualmente, que terminou o combate armado, mas a guerra ainda continua, no sentido de que o debate sobre a divisão do país continua, na televisão, nos jornais, no dia a dia. A educação está dividida, em algumas cidades, sob o mesmo teto, histórias diferentes e idiomas com nomes diferentes são ensinados para crianças separadas de acordo com sua nacionalidade. E há muita propaganda, onde um “nós” e um “eles” são ainda demarcadores fundamentais, que aparecem como um incômodo nas narrativas sobre a Bósnia-Herzegóvina, que, às vezes, é pensada como uma não nação, às vezes, como

³⁶ Para o historiador Dubravko Lovrenović (de Sarajevo), “multiculturalismo” é as pessoas pertencerem a uma religião, a um grupo nacional, e ao mesmo tempo, compartilharem a ideia de um lugar comum. Segundo ele, essa ideia ainda perdura na Bósnia, mas não sabe por quanto tempo, pois “a maior tragédia deste país é a matança” (informação verbal).

uma nação formada por três diferentes grupos e, às vezes, como a nação do “povo bósnio”. A Bósnia-Herzegóvina é uma noção em construção, portanto, ou mais do que isso, um espaço ainda em disputa.

Pertencimento nacional e guerra

Feito o relato, o que chama a atenção aqui, em um primeiro momento, é que as falas elencadas vêm informadas por concepções distintas de pertencimento (ou de como os sujeitos devem adscrever-se a si próprios no rol das categorias nacionais) – e, portanto, do que se considera um Estado justo e de como as diferenças devem ser representadas nesse Estado. Em Sarajevo, podemos dizer que uma concepção de Estado vinculada a uma noção universalista de cidadão definiria como os sarajevanos veem a si próprios e entendem a guerra. Na RS, em princípio, uma concepção de Estado vinculada à noção clássica de Estado-nação definiria como seus habitantes veem a si próprios e entendem a guerra.

Teria ‘havido, de acordo com esse quadro, duas guerras na Bósnia, uma foi a guerra de resistência pela cidade, pelo que se tem como “civilização” – no seu sentido universalista –, a outra foi a guerra pela nação, pela “cultura”.³⁷ Ambas são supranacionais, se levarmos em conta as concepções de Estado em disputa e o fato de que não necessariamente se restringiam a apenas um dos “lados da guerra”, apesar de definirem-se conforme a sua relação com os mesmos; e ambas fazem-se visíveis na crise de legitimidade do Estado imposto (ou acordado) como forma de viabilizar o acordo de paz, em 1995.

Como vimos, a questão da crise de legitimidade do novo Estado “imposto” ou acordado aparece de distintas maneiras no contexto sobre o qual nos debruçamos.

Ela é patente no incômodo em Sarajevo diante de um território dividido em entidades e de uma sociedade dividida em categorias. Manifestou-se, também, como testemunhei em Sarajevo, no debate sobre a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas primárias e nas reações (negativas, geralmente)

³⁷ Citando Elias (1997, p. 130): “‘Cultura’ aqui não mais como referente a processos, mas como relativa a estados imutáveis. A noção de “civilização” ainda reteria “algumas de suas associações com valores morais e humanos de ordem geral.”

diante de uma cidade cada vez mais marcada por símbolos religiosos (muçulmanos, basicamente).

Ela não se traduz em uma crise de identidade, do tipo “não sei o que sou”, mas sim em um incômodo diante do fato de você ter que se identificar com algumas das categorias e delas serem adscritas a você independentemente da sua autoidentificação ou vontade, revelando-se na demanda por parte da população de que importa que são cidadãos de um país de nome Bósnia, ou seja, que são “bósnios” em primeiro lugar; onde definições étnicas ou nacionais que imputam um modo de ser e de se colocar na política são vistas como, antes, do âmbito da vida privada, não devendo regular a atuação das pessoas na esfera pública. Porém, cabe sublinhar, desde já, que essa postura avessa às categorizações nacionais vem perdendo espaço diante da naturalização cada vez maior dessas mesmas categorias, inclusive em Sarajevo.³⁸

Na RS, nota-se essa crise de legitimidade na recusa de se ver a Bósnia como o Estado comum e na desconfiança do discurso multiculturalista (em seu sentido ênico) de Sarajevo.

Passei dois dias apenas em Banja Luka, onde muitas pessoas – quando informadas que eu vinha de Sarajevo – batiam no peito afirmando-se sérvias, como que temendo a ditadura de Sarajevo sobre mentes estrangeiras e a perda da autonomia, alcançada depois da guerra. Estavam cientes do fato que, quando os estrangeiros em Sarajevo aportam, deslumbram-se com a beleza da cidade e de seu discurso antinacionalista, que nada mais é, para Banja Luka, do que um discurso que mascara a realidade de um Estado dominado pelos muçulmanos.

Muitos croatas da Federação desconfiam igualmente do discurso multiculturalista de Sarajevo. Seu incômodo revela-se diante de um sistema visto como favorável à maioria (bosníaca) e nas suas demandas por uma entidade própria na Bósnia-Herzegóvina. A reeleição, em outubro de 2010, de Željko Komšić, então candidato do SDP (Partido Social-Democrata), com 59% dos votos, como representante croata da presidência bósnia, é um exemplo paradigmático. Se, por um lado, sua vitória pode ser vista como independente de sua adscrição nacional, dado que o SDP é um partido considerado “multiétnico”,

³⁸ Senti isso em 2012, quando retornei, após quatro anos, a Sarajevo. Procurarei debruçar-me sobre o assunto durante a pesquisa de pós-doutorado em andamento.

“cívico” e “não nacional”, por outro, esta pode ser vista também como abuso do poder de voto da maioria, dado que os bosníacos elegeram mais uma vez tanto o membro bosníaco da presidência como o membro croata.

Estamos assim diante de um debate clássico na antropologia e teoria social. Um primeiro, de âmbito normativo, do que é um Estado justo; um segundo, de ordem identitária e das práticas de representação da diferença; ambos informados pelo imperativo de se construir este Estado Bósnia-Herzegóvina.

Citando Habermas (1998, p. 101),

com efeito, as sociedades modernas, agregadas funcionalmente pelo mercado e pelo poder administrativo, por certo continuam a delimitar umas às outras como “nações”. [...] Resta uma questão empírica, a saber, quando e em que medida populações modernas se compreendem antes como uma nação de compatriotas ou de cidadãos.

Essa é uma questão contemporânea, sobretudo, que não diz respeito somente à Bósnia. Não obstante, testemunhamos esse processo de maneira trágica nas configurações da guerra e do pós-guerra na Bósnia, que, por fim, teve seu território reorganizado nacionalmente, reificando, assim, a ideia de Estado-nação homogêneo, ou seja, da coincidência entre Estado/território e grupo nacional.

A guerra foi, portanto, um marco fundamental nos processos identitários que se desenrolaram, mas também um marco no debate acerca do problema político da representação das diferenças. Sendo assim, o debate desencadeado pela guerra priorizou, no intuito de compreender os eventos que se desenrolaram na ex-Iugoslávia desde o final da década de 1980, um debruçar-se sobre a história, tendo como foco o lugar das diferenças nacionais na vida cotidiana e na organização do Estado ao longo do tempo nessa região. Enfoque este que se revela também nas três linhas teórico-interpretativas hegemônicas sobre a guerra na Bósnia.

A primeira linha interpretativa é aquela que reatualiza o que podemos chamar de tradição balcanista, que apareceu frequentemente na imprensa internacional durante as guerras na ex-Iugoslávia (cf. Peres, 2005; Todorova, 1997). Utilizando-se de uma concepção essencializada de cultura e história, a tradição interpretativa balcanista aponta para características consideradas naturais e imutáveis dos Bálcãs, vistos como morada de povos que se odeiam e

que estão destinados a guerrear *ad eternum* entre si. São povos, portanto, com culturas irreconciliáveis e muitas vezes violentas. A guerra seria, assim, algo natural, tratando-se dessa região.

Há muito essa teoria é rechaçada por estudiosos do conflito; entretanto, é possível ouvi-la em Sarajevo como um lamento em relação ao inexplicável da guerra: “Mas afinal, isso aqui são os Bálcãs, o que você poderia esperar?” Indagação que faz sentido internamente, dentro de uma geografia simbólica dos povos dos Bálcãs, que se arranjariam hierarquicamente de acordo com uma proximidade cultural maior ou menor de um suposto Ocidente, idealizado, europeizado e pacífico,³⁹ ao mesmo tempo em que mistura sarcasmo e ironia em resposta a um Ocidente que, de fato, vê os Bálcãs, e os vê, portanto, dessa maneira.

A segunda linha interpretativa, que pode ser ouvida com frequência entre intelectuais em Sarajevo, opõe-se radicalmente a essa. Com foco nos processos históricos, seus teóricos enfatizam, particularmente, as noções de mistura étnica, convivência e tolerância.⁴⁰ A Bósnia aparece, assim, como uma região de confluência ao longo dos séculos, onde tanto o período otomano como o período socialista são provas de que se vive junto como sempre se viveu – sendo a guerra dos anos 1990 uma ruptura radical desse *habitus*. A guerra teria sido, assim, consequência de uma política imposta por nacionalistas, que alcançaram o poder em um momento de abertura democrática, e que capturou os meios de comunicação, instaurando o medo e a desconfiança inter-nacional.

A terceira linha interpretativa, muito em voga entre antropólogos e cientistas políticos contemporâneos, desconfia dessa interpretação “de cima para baixo” da guerra. Essa visão, embora não seja substantivista, aponta para a realidade da identidade comunal ao longo do tempo na Bósnia e vai explicar por que esses grupos encontraram preeminência política com o fim da Iugoslávia. Nesse sentido, havia conflitos reais que foram então mobilizados, segundo Bax (2000).⁴¹ Bougarel (2007) lembra seu leitor que nunca existiu democracia na Bósnia e que a noção de cidadania só faz sentido localmente se pensada em

³⁹ Sobre isso, ver Bakić-Hayden (1995).

⁴⁰ Aqui, ver, particularmente, Anđelić (2003), Donia (2006), Donia e Fine Jr. (1994), Kurspahić (1997, 2003), Lovrenović (2008), Malcolm (2002), entre outros.

⁴¹ Bax (2000) realizou pesquisa sobre as lideranças regionais na Herzégóvina, que competiam entre si. Houve limpeza étnica e vendeta durante a guerra, mas o motivo étnico era secundário, apesar de ser aquele que no fim prevaleceu enquanto chave explicativa.

termos comunitários, visto que todas as eleições na Bósnia, desde 1910, foram dominadas por partidos nacionais: dos *millet* otomanos⁴² às nações. Já Hayden (2002), a partir dos conceitos de tolerância negativa de John Locke (no sentido de uma pragmática de não interferência em relação ao diferente) e tolerância positiva de John Stuart Mills (no sentido de reconhecer, respeitar e valorizar a diferença), acredita que sempre vigorou na Bósnia uma tolerância negativa, pragmática, ou seja, enquanto era vantajosa a “vida comum”, ela perdurou, quando não mais, o conflito violento teve lugar. Ramet (2002) acredita, por fim, que os titoístas⁴³ falharam em criar um campo moral comum a todos os iugoslavos ou inculcar noções de universalismo moral, portanto, os campos morais continuaram sendo delimitados de acordo com as comunidades étnicas.

Para além das interpretações sobre a guerra, há também um esforço por parte de muitos intelectuais – cujas teorias, podemos em um primeiro momento afirmar, alimentaram e ainda alimentam os motes nacionalistas – em traçar ascendências étnicas das populações locais, visando à busca de traços culturais e de provas de autoctonia.⁴⁴ Esse movimento é evidente entre historiadores bosníacos que buscam a existência de seu povo para além da conversão ao islã durante o Império Otomano – marco consensual no que tange o aparecimento de populações muçulmanas nos Bálcãs –; para estes, por exemplo, a ascendência bosniaca é encontrada entre os bogomilos, adeptos da Igreja Bósnia⁴⁵ na Idade Média, que teriam se convertido ao islã com a chegada dos otomanos.

Esse esforço em se traçar genealogias étnico-territoriais, desde tempos imemoriais, através de uma busca quase arqueológica de “antepassados” se dá também entre intelectuais croatas e sérvios. Assim, grupos que teriam habitado aproximadamente a mesma região e acabaram por distinguir-se uns dos outros conforme a religião tornam-se grupos, desde sempre, étnico e culturalmente distintos.

⁴² O sistema *millet* otomano dividia os habitantes do império de acordo com a religião, onde o líder espiritual de cada grupo era também seu líder político.

⁴³ O marechal Josip Broz Tito (1892-1980) foi líder da resistência *partisan* durante a Segunda Guerra Mundial; depois, primeiro-ministro e presidente vitalício da ex-Iugoslávia socialista.

⁴⁴ Ver, por exemplo, Imamović (1998), Filipović (2004) e, sobre eles, Lovrenović (2008) e Bačanović (2009).

⁴⁵ Igreja cristã autóctone com elementos pagãos, considerada herege pelos cristãos ortodoxos e católicos da época.

Todas essas linhas de análise, e mesmo o movimento culturalista que visa provar cientificamente as diferenças étnicas e culturais de seus povos, debruçam-se sobre o contexto atual bósnio e sobre os embates a respeito da diferença e do pertencimento nacional, que refletem ou são refletidos pelas concepções que vimos predominar na RS e em Sarajevo, e que apontam para o problema da construção de um novo Estado com base nas cidadanias étnicas, sejam elas substantivas para uns, comunalistas para outros, ou decorrentes do nacionalismo e da guerra.

Algumas palavras finais

Tracei aqui um grande quadro sobre como o debate apresenta-se no dia a dia e na escrita a respeito da guerra na Bósnia. Resta, portanto, muito trabalho, de interpretação, criação de nuances e análise das transformações que se deram na região.

Na Bósnia, via um processo que se queria democrático, de um Estado como a ex-Iugoslávia socialista passou-se, podemos dizer, para um Estado nascido da guerra. Transformações no regime político e no regime de confiança deixaram suas marcas no jogo das definições identitárias e das concepções acerca da representação política da diferença e sobre que diferenças são essas, afinal. Cabe a nós debruçarmo-nos sobre esses processos.

Além disso, apresentei aqui a situação na Bósnia no que tange ao significado da guerra, criando um paralelo entre Sarajevo e Republika Srpska, mas com foco muito específico em Sarajevo, onde vivi, e que não é sempre representativo da Bósnia como um todo. Houve várias guerras na Bósnia – ora definidas pelos lados da guerra, mas também pelos campos de combate, pelas lealdades regionais, pelos posicionamentos entre as partes e pelas histórias sobre ela. Escolhi contar aqui as histórias que se criam em torno de Sarajevo e do que essa cidade representa. Outras pesquisas virão, espero, com o intuito de complexificar esse quadro e apontar outras perspectivas no âmbito do debate específico sobre o que vem acontecendo na Bósnia, mas também no debate sobre as questões que esses acontecimentos colocam, que dizem respeito, entre outras coisas, à representação da diferença e a criação de novos regimes políticos, com base em cidadanias plurais, muitas vezes, e culturais ou étnicas, onde o próprio significado de representatividade e democracia adquire um novo valor.

Referências

AMENDMENT I TO THE CONSTITUTION OF BOSNIA AND HERZEGOVINA. 2009. Disponível em: <[http://www.ccbh.ba/public/down/Amendment_I_to_the_Constitution_of_BiH_\(OHR_and_CC\).pdf](http://www.ccbh.ba/public/down/Amendment_I_to_the_Constitution_of_BiH_(OHR_and_CC).pdf)>. Acesso em: 7 dez. 2012.

ANDJELIĆ, N. *Bosnia-Herzegovina: the end of a legacy*. London: Frank Cass, 2003.

ARMAKOLAS, I. Sarajevo no more?: identity and the sense of place among Bosnian Serb Sarajevans in Republika Srpska. In: BOUGAREL, X.; HELMS, E.; DUIJZINGS, G. (Ed.). *The new Bosnian mosaic: identities, memories and moral claims in a post-war society*. Hampshire: Ashgate, 2007. p. 79-99.

BAČANOVIĆ, V. Genetska iliromanija. *BH Dani*, Sarajevo, n. 616, p. 38-39, 3 abr. 2009.

BAKIĆ-HAYDEN, M. Nesting Orientalisms: The case of former Yugoslavia. *Slavic Review*, v. 54, n. 4, p. 917-931, Winter 1995.

BAX, M. Warlords, priests and the politics of ethnic cleansing: a case-study from rural Bosnia Hercegovina. *Ethnic and Racial Studies*, London, v. 23, n. 1, p. 16-36, Jan. 2000.

BOUGAREL, X. Death and the nationalist: martyrdom, war memory and veteran identity among Bosnian Muslims. In: BOUGAREL, X.; HELMS, E.; DUIJZINGS, G. (Ed.). *The new Bosnian mosaic: identities, memories and moral claims in a post-war society*. Hampshire: Ashgate, 2007. p. 167-191.

BOUGAREL, X.; HELMS, E.; DUIJZINGS, G. Introduction. In: BOUGAREL, X.; HELMS, E.; DUIJZINGS, G. (Ed.). *The new Bosnian mosaic: identities, memories and moral claims in a post-war society*. Hampshire: Ashgate, 2007. p. 1-35.

CERKEZ-ROBINSON, A. Courage emerges from the work journalists do. *Nieman Reports*, Cambridge MA, Summer 2006. Disponível em: <<http://www.nieman.harvard.edu/reportsitem.aspx?id=100408>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

ČEMERNO: godišnjica masakra nad Srbima. *Vesti online*, Beograd, 10 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.vesti-online.com/Vesti/Ex-YU/59689/Cemerno-Godisnjica-masakra-nad-Srbima>>. Acesso em: 16 dez. 2012.

DAS, V. *Critical events: an anthropological perspective on contemporary India*. New Delhi: Oxford University Press, 1995.

DAS, V. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 14, n. 40, p. 31-42, jun. 1999.

DONIA, R. J. *Sarajevo: a biography*. Ann Arbor, MI: The University of Michigan Press, 2006.

DONIA, R. J.; FINE JR., J. V. A. *Bosnia and Hercegovina: a tradition betrayed*. New York: Columbia University Press, 1994.

DUIJZINGS, G. Commemorating Srebrenica: histories of violence and the politics of memory in Eastern Bosnia. In: BOUGAREL, X.; HELMS, E.; DUIJZINGS, G. (Ed.). *The new Bosnian mosaic: identities, memories and moral claims in a post-war society*. Hampshire: Ashgate, 2007. p. 141-166.

DŽIHANA, A.; JUSIĆ, T. Bosnia and Herzegovina. In: BAŠIĆ-HRVATIN, S.; THOMPSON, M.; JUSIĆ, T. (Ed.). *Divided they fall: public service broadcasting in multiethnic states*. Trans. Kanita Halilović. Sarajevo: Mediacentar, 2008. p. 81-118.

ELIAS, N. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FILIPOVIĆ, M. *Historija bosanske duhovnosti: prahistorija*. Sarajevo: Svjetlost, 2004.

HABERMAS, J. Inclusão: integrar ou incorporar? Sobre a relação entre nação, estado de direito e democracia. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 52, p. 99-120, nov. 1998.

HAYDEN, R. M. *Blueprints for a house divided: the constitutional logic of the Yugoslav conflicts*. Ann Arbor, MI: The University of Michigan Press, 2000.

HAYDEN, R. M. Intolerant sovereignties and “multi-multi” protectorates: competition over religious sites and (in)tolerance in the Balkans. In: HANN, C. (Ed.). *Postsocialism: ideals, ideologies, and practices in Eurasia*. London: Routledge, 2002. p. 159-179.

IMAMOVIĆ, E. *Porijeklo i pripadnost stanovništva BiH*. Sarajevo: [s.n.], 1998.

KURSPAHIĆ, K. *As long as Sarajevo exists*. Translated by Colleen London. Foreword Christopher Hitchens. Introduction Roy Gutman. Stony Creek, CT: The Pamphleteer’s Press, 1997.

KURSPAHIĆ, K. *Prime time crime: Balkan media in war and peace*. Washington, D.C.: United States Institute of Peace Press, 2003.

LOVRENOVIĆ, D. *Povijest est magistra vitae: o vladavni prostora nad vremenom*. Sarajevo: Rabic, 2008.

MALCOLM, N. *Bosnia: a short history*. London: Pan Books, 2002.

NACIONALNI sastav stanovništva: rezultati za republiku po opštinama i naseljenim mjestima 1991. Popis stanovništva, domaćinstava, stanova i polioprivrednih gazdinstava 1991. Sarajevo: Državni zavod za statistiku Republike Bosne i Hercegovine, dec./pros. 1993. Disponível em: <[http://www.fzs.ba/Dem/Popis/nacionalni sastav stanovnistva po naseljenim mjestima bilten 234.pdf](http://www.fzs.ba/Dem/Popis/nacionalni_sastav_stanovnistva_po_naseljenim_mjestima_bilten_234.pdf)>. Acesso em: 7 dez. 2012.

PERES, A. C. S. *Enviado especial à...: uma análise antropológica da cobertura da imprensa brasileira das guerras na ex-Iugoslávia (anos 90)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

PERES, A. C. S. *Contando histórias: fixers em Sarajevo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

RAMET, S. P. *Balkan Babel: the disintegration of Yugoslavia from the death of Tito to the fall of Milošević*. 4th ed. Cambridge, MA: Westview, 2002.

REAÇÃO internacional. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 maio 2011. Mundo, p. A13.

SERVA, L. Guerra ameaça forças da ONU. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 ago. 1992. Mundo, p. 1.

THOMAZ, O. R. Bósnia-Herzegovina: a vitória da política do medo. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 47, p. 3-18, mar. 1997.

TODOROVA, M. *Imaging the Balkans*. New York: Oxford University Press, 1997.

TOMIĆ, Z. Obeležena 18. godišnjica masakra Srba na Čemernu. *Sokolac*, 24762, 10 ago. 2010. Disponível em: <http://sokolac.slavicnet.com/sokolac/sokolac_cemerno_forum.html>. Acesso em: 7 dez. 2012.

TUĐMAN, F. *Bespuća povijesne zbiljnosti*. Zagreb: Matica Hrvatska, 1990.

Recebido em: 30/12/2012

Aprovado em: 04/06/2013